

R\$2

(11) 9.4101-1917

PSTU Nacional

www.pstu.org.br

@pstu

Portal do PSTU

@pstu_oficial

NEGÓCIOS DA CHINA O QUE ESTÁ POR TRÁS DOS ACORDOS ENTRE BRASIL E CHINA

Páginas 8 e 9



FGTS

Governo deve mais
de R\$ 720 bilhões aos
trabalhadores

Página 5



NACIONAL

Crise no GSI: a relação de
capitulação do governo
Lula à cúpula militar

Página 12



páginadois



CHARGE

ABUSURDO

Torcedores do Flamengo presos por protestarem contra a ditadura

Dois torcedores do Flamengo foram detidos e condenados ao uso de tornozeleira eletrônica e multa após uma manifestação durante o primeiro jogo da final do Campeonato Carioca, no dia 1º abril. O motivo foi por que os dois flamenguistas levantaram uma faixa que dizia “morte aos torturadores 1964”. Ambos foram detidos e encaminhados ao Juizado Especial Criminal. A imagem da faixa viralizou nas redes sociais antes do jogo. “A ação realizada reivindica a nossa própria história! E é amparada pela liberdade de expressão. Nos sentimos contemplados com a mensagem, que leva luz



a todos os torturadores que já morreram sem a mínima punição”, disse a torcida Fla Antifascista em postagem nas redes sociais. Mesmo torcedores do rival Vasco da Gama se solidarizaram com os flamenguistas. “Nós da Vascomunistas nos solidarizamos com os

torcedores e aguardamos decisão favorável da justiça, em favor da democracia popular e da história de nosso país, que não deve ser esquecida para que essa triste página da política brasileira nunca mais se repita!”, explicou em nota a Vascomunistas.

“ Os manifestantes exigiram que lhes dessem água; que o declarante entregou algumas garrafas de água com o intuito de acalmá-los e que não danificassem a copa ”



Depoimento do militar do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) José Eduardo Natale de Paula Pereira à Polícia Federal. Ao invés de confrontar com os golpistas, o militar se solidarizou com eles.

PRÓXIMO LANÇAMENTO

“ O texto das teses resgata a compreensão marxista sobre a questão das opressões e sua relação com a relação de exploração, isto é, entre as classes sociais, relação fundamental na qual se assenta esse sistema de exploração e opressão, o sistema capitalista. ”



www.editorasundermann.com.br

EDITORA
sundermann

CRIMINALIZAÇÃO

Bancada ruralista prepara uma CPI contra o MST

A bancada ruralista prepara uma CPI contra o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Nos próximos dias, o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), pode fazer a leitura do requerimento de criação da comissão, que já atingiu o número mínimo de 172 assinaturas para ser instalada. Trata-se de um ataque do latifúndio contra o movimento. Lutar é direito, não é crime. O MST luta por reforma agrária e pela agricultura camponesa. Quem comete crimes e espalha violência no campo são os jagunços de grileiros, pagos por gran-



des fazendeiros que muitas vezes estão no Congresso aprovando leis em prol do roubo de terras. Mais uma vez, eles também ocupam os ministérios de um governo do PT, e de lá atacam

o movimento, tal como fez recentemente o ministro da agricultura, o soeiro Carlos Fávaro (PSD). É preciso defender o MST dos ataques dos ruralistas, os verdadeiros criminosos deste país.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



A classe trabalhadora precisa ser protagonista



As vésperas do 1º de maio de 2023, a ação que corre no Supremo Tribunal Federal (STF) sobre o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) mostra o absurdo que vem sendo a correção desses recursos, que são, ou deveriam ser, dos trabalhadores. Desde 1999, o fundo é corrigido pela TR em míseros 0,32%, muito abaixo da inflação, o que já tirou mais de R\$ 720 bilhões de mais de 70 milhões de trabalhadores.

Essa medida mostra bem que o governo Lula-Alckmin governa para os capitalistas. Por que Lula e Alckmin não experimentam remunerar os títulos da dívida pela TR ou pela poupança, ou limitar o rotativo do cartão de crédito e empréstimos bancários com esse índice? Não fazem isso porque o 1% de capitalistas e banqueiros deste país não permite.

Ao contrário, o governo quer suspender a tramitação do processo no STF e manter essa roubaheira sobre o FGTS dos trabalhadores, que engorda mais uma vez o lucro da patronal. Ao invés de manter esse roubo, deveria é revogar a reforma trabalhista, previdenciária e o Novo Ensino Médio; anular a privati-

zação da Eletrobras, reestatizar as estatais privatizadas; acabar com a suposta autonomia do Banco Central, baixar os juros e suspender o pagamento da dívida aos banqueiros.

Enquanto isso, no Congresso Nacional, propõe um “arcabouço fiscal” que nada mais é que o teto de gastos de Temer atualizado, refeito para impor um regime de austeridade por anos. É continuar desviando as riquezas produzidas pela classe trabalhadora e o conjunto do povo para garantir o pagamento de juros aos banqueiros.

E ainda nesta semana tivemos as imagens vazadas com o general indicado por Lula no Gabinete de Segurança Institucional (GSI) caminhando entre os golpistas que depredavam os prédios dos três poderes no dia 8 de janeiro. O escândalo, instrumentalizado pelo bolsonarismo para tentar falsificar a história, mostra como um governo aliado da burguesia e submisso ao imperialismo sequer enfrenta e pune os militares golpistas e a extrema direita até o final.

A recente viagem de Lula à China, assim como agora à Europa, por sua vez, tenta ser mostrada como avanço da indepen-

dência do país. Mas as relações e os negócios com os EUA de Biden, ou com a União Europeia de Macron, ou a China capitalista de XI Jinping, não avançam em soberania do país, nem em diminuição da exploração dos trabalhadores brasileiros.

PAPEL DA ESQUERDA

O governo Lula afirma que governa para todos, mas, na verdade, governa para os capitalistas, e quer que a classe trabalhadora fique atrelada a um projeto que serve aos banqueiros, às multinacionais e ao agro-negócio. A quase totalidade da esquerda apoia o governo. Muitas vezes, sob o argumento do “menos pior”, atua para manter a classe a reboque do governo e de seu projeto burguês. Mesmo os setores que se dizem críticos, como parte do PSOL, a esquerda do PT, no Congresso vão votar na proposta do governo e defender que a classe trabalhadora se submeta ao campo burguês que o governo de frente com a burguesia de Lula representa.

Essa posição impede a classe trabalhadora de ter e de lutar por um projeto seu e, inclusive, de se defender e de lutar por suas reivindicações imediatas e mais urgentes.

Um dos maiores exemplos disso é o ato nacional convocado pelas maiores centrais sindicais para o 1º de maio, em São Paulo. Além da presença do próprio presidente Lula, de seus ministros e de grandes empresários, as centrais convidaram até o governador do estado, o bolsonarista Tarcísio de Freitas, além do presidente da Câmara, Arthur Lira. Como lutar pela duplicação do salário mínimo com Alckmin, Tarcísio e Lira? Como lutar contra as privatizações, pela revogação da reforma trabalhista, da Previdência e contra o novo arcabouço fiscal com os mesmos que impuseram esses ataques?

Seria o momento de, mais do que nunca, fortalecer a independência de classe para lutar por salário, direitos, contra esse regime de austeridade que querem impor com o arcabouço fiscal, para taxar de verdade os lucros e propriedades das multinacionais e dos super-ricos, além de terras para os trabalhadores sem terra, a titulação e a homologação das terras indígenas e quilombolas, defender o meio ambiente e o fim do marco temporal, e, para isso, enfrentar os ruralistas, os banqueiros e as multinacionais.

Seria o momento de estarmos juntos com a classe trabalhadora francesa contra a reforma da Previdência, e não junto a Macron. Estarmos juntos com os operários chineses e a juventude de Hong Kong, e não de mãos dadas com a ditadura capitalista de Xi Jinping. Juntos à resistência operária e popular da Ucrânia. Por uma paz sem anexações, e não com Putin, inclusive para lutar contra a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e o próprio governo burguês e pró-imperialista de Zelensky.

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE PARA LUTAR

Apoiar o governo é colocar-se e ajudar a colocar a classe trabalhadora a reboque de um setor e de um projeto da burguesia, que não permite sequer enfrentar de forma consequente o setor burguês de ultradireita e suas ameaças autoritárias, de estímulo à violência nas escolas, contra a classe trabalhadora, o povo pobre, as mulheres, as LGBTIs, os negros e as negras, os povos indígenas. Só com independência de classe é possível assegurar nenhuma anistia a golpista e organizar a autodefesa dos movimentos operários e populares. É necessário ainda para se garantir a soberania do país, algo que um governo de aliança com uma burguesia completamente dependente e submissa ao capital financeiro internacional nunca será capaz de fazer.

Este é o caminho para construir uma verdadeira alternativa a este país e a este mundo de opressão, exploração e destruição ambiental. Perseguir um horizonte socialista. Lutar para que a classe trabalhadora governe, através de Conselhos Populares. Lutar pela unidade internacional dos trabalhadores de todo o mundo contra esse sistema capitalista de desigualdade, fome e barbárie.

AJUSTE NEOLIBERAL

Governo Lula envia novo teto de gastos ao Congresso Nacional

 DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO

No último dia 17, Lula, acompanhado dos ministros da Fazenda, Fernando Haddad, e da ministra do Planejamento, Simone Tebet, entregou pessoalmente ao Congresso Nacional o texto do novo arcabouço fiscal.

O conjunto de medidas pretende substituir o teto de gastos de Temer por outro mais “flexível”. Por trás de palavras bonitas como “sustentável” ou “responsável”, está um novo teto que, assim

como a PEC 95, ou a Lei de Responsabilidade Fiscal de FHC, tem como objetivo restringir ainda mais os gastos públicos para garantir o pagamento dos juros da dívida aos banqueiros.

Se vem sendo chamado de “novo” marco fiscal, o sentido desse conjunto de regras é já bem antigo. Seu ponto principal é o que limita o aumento dos gastos da União em até 70% da arrecadação. Se o governo arrecadar R\$ 100 bilhões a mais, poderá aumentar seus gastos em R\$ 70 bi-

lhões? Não necessariamente. Isso porque entra um outro limitador: o aumento real dos gastos deve ficar numa estreita faixa entre 0,6% e 2,5%.

Isso praticamente exclui qualquer possibilidade de uma mudança significativa nos serviços públicos, na geração de empregos, em programas sociais como o Bolsa Família, e até no já insuficiente e vergonhoso aumento no salário mínimo. A única coisa que fica de fora no novo teto do governo Lula é o pagamento dos juros da dívida

aos banqueiros. Na verdade, o aumento dos gastos pode ficar até menor que o crescimento per capita da população, de 0,7% segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Em certos aspectos, o novo teto chega a ser diretamente pior, já que, por exemplo, enfia o BNDES e a Caixa nesse novo marco, algo que nem o teto de Temer fazia.

Ao contrário do que chegam a repetir algumas organizações de esquerda, até críticas ao novo marco, ele não

é “menos pior” que o teto, é simplesmente um outro teto, mais crível e projetado a impor um regime de austeridade fiscal a longo prazo e “adaptável” à conjuntura internacional e à submissa economia brasileira. Quando aprovado o teto de Temer, em 2016, poucos achavam realmente que ele se manteria, pois causaria o colapso da própria máquina pública. Tanto que foi reiteradamente furado até se desmoralizar. O teto de Lula, ao contrário, foi desenhado para o longo prazo.

DESVINCULAÇÕES

Arcabouço fiscal coloca Saúde e Educação em cheque

O arcabouço fiscal vem com a promessa da retomada das vinculações constitucionais da Saúde (15%) e da Educação (18%) ao Orçamento da União. O problema é que o limite de crescimento dos gastos totais é de 70% da arrecadação (dentro da faixa de até 2,5% no total). Já a vinculação da Saúde e Educação se dá sobre 100% do Orçamento. Esse desencontro vai provocar a necessidade de se cortar ainda mais das outras áreas, até a inviabilização dessa engrenagem de austeridade.

Na verdade, o próprio Haddad já cantou essa bola, ao defender na apresentação do arcabouço mudanças nessas vinculações. O governo chegou a aventar atrelar esses gastos ao PIB per capita, algo que, se valesse no país hoje, teria tirado 40% da Saúde e Educação desde 1998, segundo projeções.

SÓ ‘EMENDAS’

Resolução do PSOL não aponta voto contrário ao marco fiscal

O PSOL reuniu sua direção nacional para debater o posicionamento diante do plano de austeridade do governo Lula. O presidente da sigla, Juliano Medeiros, chegou a twittar que “a proposta é muito ruim! Se estivesse valendo desde 2003 o país teria perdido R\$ quase 9 trilhões”. Certo, e vão votar contra, então? Não, a resolução aprovada e divulgada junto com a Rede, com a qual formam uma federação, aponta somente a apresentação de emendas.

O deputado Guilherme Boulos, após ter mantido silêncio absoluto sobre o tema, finalmente se pronunciou: “Vários deputados do PT, que é o partido do presidente, têm críticas ao arcabouço. Temos críticas para buscar melhorar os problemas na Câmara, sim.

Isso não é incompatível com a composição da base do governo”, afirmou à imprensa. À Folha de S. Paulo, Boulos defendeu somente tirar Saúde e Educação do arcabouço, e manter o restante. “É lógico que você tem que ter um equilíbrio nas contas, mas você precisa compatibilizar esse equilíbrio fiscal com uma responsabilidade social”, defendeu.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3VCXT20](https://bit.ly/3VCXT20)

Quer dizer, o problema para Boulos não é que o arcabouço fiscal de Haddad seja um regime de austeridade para continuar garantindo bilhões aos banqueiros todos os anos, ao contrário, isso seria “equilíbrio

nas contas”. O problema é que precisaria de um pouquinho de “responsabilidade social”. E isso para ele seria tirar Saúde e Educação do arcabouço e continuar do jeito que estamos, com os serviços públicos à míngua.

À LUTA

Não ao teto de Lula e Haddad

É preciso denunciar e lutar contra esse novo teto de gastos, e não desarmar os trabalhadores e dizer que é necessário, apenas com alguns problemas, como faz o PSOL. É necessário ainda acabar com a Lei de Responsabilidade Fiscal e todos os mecanismos que privilegiam os banqueiros em detrimento dos gastos sociais, dos salários e dos empregos. Pela suspensão da dívida aos banqueiros, aumento das verbas da Saúde, Educação e demais serviços públicos. Duplicação do salário mínimo já, rumo ao mínimo do Dieese.

ROUBO

FGTS: Governo deve mais de R\$ 720 bilhões aos trabalhadores


**LETÍCIA LIMA,
DE ITAJUBÁ (MG)**

Mais de 70 milhões de trabalhadores têm sido lesados pelos sucessivos governos, que corrigem as contas do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) abaixo da inflação, usando a TR (que hoje está em 0,32%) + 3% ao ano. Segundo estimativa do Instituto do Fundo de Garantia (IFGT), essa regra, usada desde 1999, gerou uma perda de 88,3% em relação ao poder de compra, totalizando R\$ 720 bilhões.

Isso significa que se comparado com a inflação medida pelo IPCA, um trabalhador que recebeu o salário mínimo perdeu R\$ 1.896,00 nos últimos dez anos. Se recebeu um salário de R\$ 3.000,00, teve perda de R\$ 4.370,00; e para um salário de R\$ 10.000,00, o rombo é de R\$ 14.566,00.

Mas, afinal, para onde foi esse dinheiro? Seu valor monetário é relativo, é uma comparação de valores. A taxa Selic, que regula os juros da nossa economia, por exemplo, está em 13,75% ao ano, e um empréstimo bancário feito pelo trabalhador tem juros anuais em média de 43,5%. Assim, o valor que representa a riqueza gerada pelo trabalhador, quando não reajustado, vai sendo desvalorizado. Em resumo, o que não é recomposto ao FGTS acaba sendo absorvido pelos bancos e pelo mercado financeiro. É um verdadeiro roubo do dinheiro do trabalhador.

AÇÃO JUDICIAL PEDE A INCONSTITUCIONALIDADE DA ATUAL TR E A REPOSIÇÃO DA INFILAÇÃO. ATÉ AGORA MUITA ENROLAÇÃO E NADA GARANTIDO. TEMOS QUE COBRAR O QUE É NOSSO!

Depois de adiado por três vezes, o julgamento da ação ADI5090 ajuizada em 2014 teve início no último dia 20 de abril, com o voto dos ministros Luís Roberto Barroso (relator) e André Mendonça.

Barroso propôs que a correção não seja inferior à caderneta de poupança, que está em 6,17%. Nesse caso, haveria uma diferença de R\$ 1.400,00 para um trabalhador que contribuiu com 8% de um salário mínimo.

Contudo, apesar de os dois votos questionarem a atual taxa de reposição, nada está garantido, pois os ministros não foram categóricos sobre qual taxa será adotada, e a caderneta de poupança é insuficiente para resgatar as perdas da inflação.

Pior, Barroso foi contra a aplicação da reposição retroativa, quer dizer, tudo aquilo que o trabalhador já foi lesado nos últimos 24 anos ficaria por isso mesmo.

A votação dos demais nove ministros seguirá a partir do próximo dia 27 de abril. Para repor o poder de compra do salário do trabalhador, as contas do FGTS deveriam ser reajustadas, no mínimo, conforme a inflação. Por isso, é fundamen-

tal a mobilização e pressão sob o julgamento. A CSP Conlutas realizará uma campanha nas bases, exigindo a reposição completa e com retroativo.

CARA DE PAU: PARA LULA, O MERCADO VEM EM PRIMEIRO LUGAR, E OS TRABALHADORES PODEM ESPERAR

Um dia antes do início do julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF), o governo pediu a extinção da ação, com base no argumento de que os beneficiados já tiveram possibilidade de retirar valores do FGTS com as leis 13.446/2017 e 13.932/2019. Aprovadas por Temer e Bolsonaro, essas leis, na verdade, subvertem a própria finalidade do FGTS, que foi criado em substituição à estabilidade no emprego e serviria para momentos emergenciais, como desemprego, aposentadoria ou doença grave.

O governo ainda alega que o pagamento do retroativo pode quebrar a Caixa Econômica. Nada mais falso! Até agora ele foi utilizado pelo banco em benefício de empresários e empreiteiros, que lucraram muito com empréstimos a juros baixos com o FGTS, como é o projeto Minha Casa, Minha Vida.

Além disso, a desculpa esfarrapada de que o processo pode “quebrar os cofres públicos” só demonstra que o governo usa dois pesos e duas medidas, pois quando se trata



**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/41YWGBy](https://bit.ly/41YWGBy)**

dos banqueiros e grandes empresários, os cofres públicos estão sempre abertos. O arcabuco fiscal proposto para manter o pagamento dos juros da dívida prevê uma arrecadação extra de mais R\$ 150 bilhões. Afinal, por que não priorizar que esse dinheiro pague o rombo no FGTS? Ou por que não taxar os super-ricos para cobrir o que foi roubado dos trabalhadores?

AFINAL, QUEM SAI GANHANDO COM ESSE ROUBO?

Desde sua criação em 1966, o FGTS tem sido constantemente saqueado por leis que desfalcam o fundo e desresponsabilizam as empresas. As MPs de Bolsonaro que precarizavam os contratos durante a pandemia e a famigerada carteira verde e amarela, por exemplo, permitiam que

as empresas recolhessem apenas 2% ao FGTS.

Além disso, há uma lista gigantesca de empresas que atrasam ou não fazem o repasse, apesar de descontarem obrigatoriamente 8% do holerite dos trabalhadores todo mês. Segundo a Procuradoria-Geral da Fazenda, a dívida das empresas totaliza R\$ 27,8 bilhões. Entre as caloteiras estão a Vale, que deve R\$ 105 milhões; as universidades Cândido Mendes, R\$ 132 milhões, e Gama Filho, R\$ 130 milhões; além da TV Manchete, R\$ 107 milhões. E ainda empresas que declararam falência, como a Viação Rio Grandense, que deve R\$ 820 milhões, e a Vasp, R\$ 160 milhões. Enquanto isso, empreiteiras como MRV, Cury, Direcional e Tenda lucraram bilhões com a construção de moradias populares através de empréstimos do FGTS.

QUAIS SÃO AS PERSPECTIVAS DO JULGAMENTO

Depois de finalizados os votos dos 11 ministros do STF, o governo tem margem de manobra para enrolar ainda mais o pagamento. Poderá lançar embargos de declaração e sobre a modulação dos efeitos.

Veja o que está em discussão:

A) A inconstitucionalidade da TR:

Se considerada inconstitucional, daria direito a todos os trabalhadores, independentemente de terem ou não processo ajuizado, ao valor do FGTS corrigido. Nada mais justo! Porém o STF pode apenas mudar a taxa de reajuste.

B) Definição da nova taxa de correção:

Caberá definir qual taxa balizará a reposição do fundo, se os índices que medem a inflação, como INPC ou IPCA, ou outra taxa como a da caderneta de poupança.

C) Qual extensão da decisão:

Cabe modular a decisão, isto é, definir qual período deverá ser contemplado na recomposição das perdas: se desde 1999, quando foi instituída a atual taxa, no período da ação (1999 a 2013) ou apenas a partir da decisão, sem reposição retroativa.

D) Quem terá direito:

Apenas os trabalhadores que entraram com a ação ou todos os 70 milhões com contas no FGTS.

VENENO À MESA

Comprometido com o agro, governo liberou mais 100 agrotóxicos em 2023

DA REDAÇÃO

No dia 13 de abril, o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) publicou o Ato no. 16, que libera a utilização de mais 44 agrotóxicos em território nacional. A medida aumenta em 1.003 o total de venenos agrícolas liberados durante a gestão de Carlos Fávaro (PSD/MT), atual ministro da Pasta e historicamente ligado ao setor da monocultura da soja.

Entre os agrotóxicos liberados estão produtos conhecidos por causarem câncer, tal como o S-Metolachlor e o Glifosato. Todos eles são produzidos por um punhado de empresas imperialistas que lucram milhões produzindo veneno (veja gráfico ao lado).

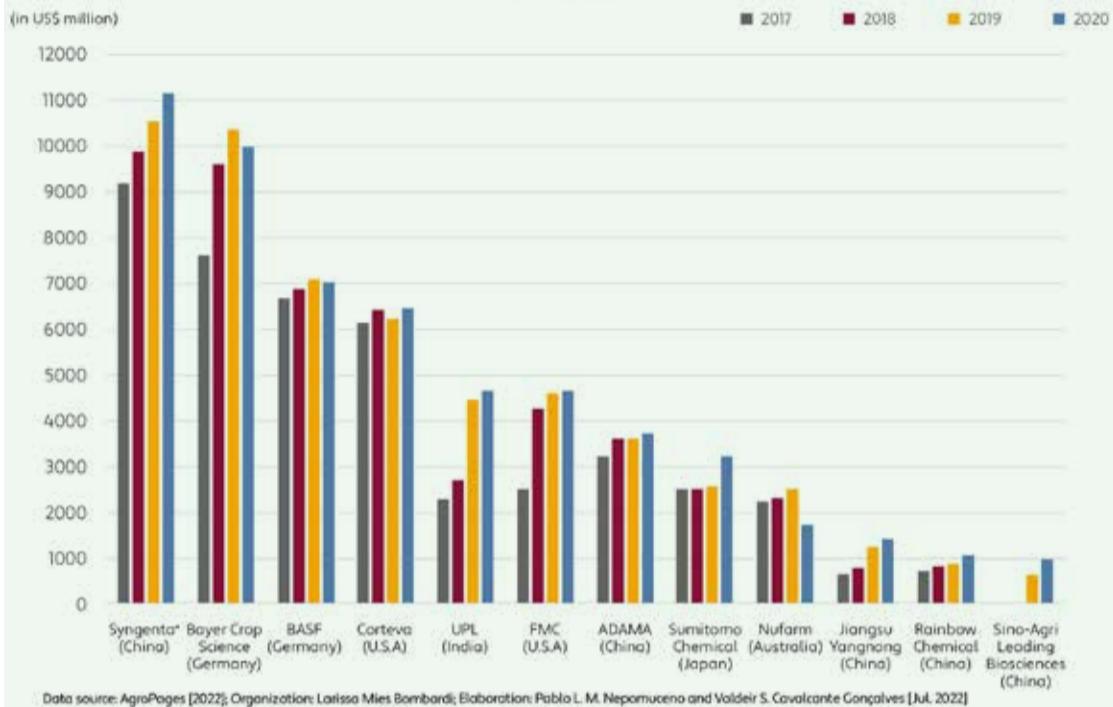
“Há ainda que se notar a persistência dos fabricantes chineses e europeus no fornecimento de agrotóxicos que foram banidos em

outras partes do mundo para atender as demandas da agricultura de exportação. Com isso, o Brasil fica mantido na condição de uma espécie de uma latrina tóxica para onde são enviados produtos que já se mostraram altamente nocivos, seja porque causam a contaminação de recursos hídricos, por exemplo, ou porque já foram identificados como prejudiciais à saúde humana”, escreve Marcos Pedlowksi, professor da Universidade Estadual do Norte Fluminense.

A liberação de mais veneno em nossa mesa mostra que o governo Lula está comprometido com o agronegócio até a medula. Afinal, é a produção das commodities agrícolas que demanda o uso massivo de agrotóxicos. A contínua expansão da soja e da cana-de-açúcar, dentre outros monocultivos, foi acompanhada pela explosão do uso de agrotóxicos no país.

“Enquanto a área de cultura da soja aumentou 53,95% entre

VENDAS DAS 12 MELHORES EMPRESAS GLOBAIS DE AGROTÓXICOS



Data source: AgroPages [2022]; Organization: Larissa Mies Bombardi; Elaboration: Pablo L. M. Nepomuceno and Valdeir S. Cavalcante Gonçalves [Jul. 2022]

2010 e 2019, o uso de pesticidas durante esse período aumentou 71,46%”, escreve a professora de geografia da Universidade de São

Paulo (USP) Larissa Mies Bombardi no seu “Atlas geográfico do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia”.

De acordo com a pesquisadora, temos no país uma área equivalente ao território inteiro da Alemanha cultivada com soja.

DEPENDÊNCIA

Com agro, produção de alimentos diminui

A transformação da agricultura capitalista no Brasil é resultado da nova localização do país na divisão internacional do trabalho. Uma divisão marcada, sobretudo, pela desindustrialização relativa do Brasil e o aumento das exportações de commodities, como a soja, o etanol, o minério de ferro, entre outros produtos. A grande explosão desses cultivos ocorreu nos anos 2000, particularmente sob o governo Lula, após a liberação do cultivo de soja transgênica em 2006. Além de causar imensos problemas ambientais e para a saúde humana, a expansão da monocultura tem diminuído a produção de alimentos do Brasil.

Segundo um estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre “Produção agrícola municipal”, entre 1974 e 2020, a área colhida com a soja cresceu 623%; já a de arroz diminuiu 64%, perdendo quase 3 milhões de hectares, e a de feijão reduziu 37%, 1,6 milhão de hec-

tares a menos que em 1974. No mesmo período, a população brasileira mais que dobrou. Ou seja, parte considerável do uso agrícola do território brasileiro acabou por ser controlada por grandes produtores e por tradings, cujo principal objetivo é produzir commodities agrícolas para a exportação, e não comida para a população. Esse cenário faz com que o Brasil seja obrigado a importar mais alimentos de outras nações.

É preciso lembrar ainda que o impacto ambiental também foi brutal. A soja avança sobre a vegetação nativa, sobretudo no Cerrado, onde os terrenos planos favorecem a mecanização. Apenas o Cerrado perdeu 50% de sua cobertura vegetal original, de 1970 a 2018. Mas a Amazônia e o Pantanal também estão ameaçados, pois o agro continua a se expandir sobre esses biomas, apesar das promessas vazias de Lula de que iria “combinar o combate ao desmatamento”.

É PRECISO ROMPER

Ministros defendem o agro e atacam o MST



O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) realizou uma série de ocupações de terras e prédios públicos durante o “Abril Vermelho”, mês em que o movimento lembra o Massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido no Pará em 1996. O movimento explicou que 100 mil famílias foram mobilizadas e que a jornada de ocupações é uma forma de pressionar o governo a resolver a situação e retomar a reforma agrária.

As legítimas ações do MST, entretanto, enfureceram os ministros do governo Lula. O ministro da Agricultura, o sojeiro Carlos Fávaro, repudiou as ocu-

pações, dizendo que elas são inaceitáveis e um atentado contra uma suposta “produção sustentável” do agronegócio. Mas não foi apenas o maior representante do agro no governo que atacou o movimento. Ministros do PT também atacaram os sem terra. Alexandre Padilha (PT), ministro das Relações Institucionais, declarou condenar “veementemente qualquer ato que danifique áreas e processos produtivos”. Já Paulo Teixeira, do Desenvolvimento Agrário, ameaçou o movimento, dizendo que a “desocupação de terras invadidas nos últimos dias é um condicionante para o governo prosseguir com

o programa de reforma agrária”. É preciso repudiar veementemente as declarações dos ministros do governo contra o MST, que são ágeis em condenar a legítima luta pela reforma agrária no país, ao mesmo tempo que são mansos e cordiais com as barbaridades do agro. Na verdade, atacam o MST para não comprometer sua aliança e apoio aos latifundiários do agronegócio. Essa política impede a implementação de uma reforma agrária no país, além de condenar à destruição de biomas como a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal.

Ao contrário do que diz João Pedro Stedile, da direção do MST, esse governo não “é nosso”. A direção do MST precisa romper atrelamento ao governo para que os sem terras possam lutar, derrotar o agro e conquistar a reforma agrária e o necessário apoio financeiro aos milhares de camponeses assentados.

**LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/444PASY**

ACAMPAMENTO TERRA LIVRE

“Precisamos lembrar que nos governos dirigidos por Lula e Dilma pouco ou quase nada se fez a favor dos povos indígenas”

 DA REDAÇÃO

Delegações indígenas estão em Brasília para a edição de 2023 do Acampamento Terra Livre (ATL), que ocorrerá de 24 a 28 de abril. Mais de 6 mil indígenas são esperados na capital federal para as atividades desta semana. Entre elas, plenárias e marchas pelas ruas de Brasília para protestar contra os projetos de lei considerados anti-indígenas. Um desses projetos, o Projeto de Lei 191/2020, permite a mineração em terras ancestrais dos povos indígenas. O acampamento também ocorre sob a expectativa de que as terras indígenas sejam de fato demarcadas, algo que fica cada vez mais longe devido ao apoio que o governo Lula dá ao agronegócio (leia página ao lado) – inimigo declarado dos povos originários.

O Opinião Socialista conversou com a indígena maranhense Kunã Yporã, conhecida também como Raquel Tremembé, que foi candidata a vice-presidência da República com a Vera (PSTU) pelo Polo Socialista e Revolucionário nas últimas eleições presenciais.

Qual é a importância do Acampamento Terra Livre neste momento?

Raquel Tremembé - O Acampamento Terra Livre é uma das maiores mobilizações de resistência indígena realizada no Brasil. Idealizado e realizado pelos povos indígenas, o acampamento ocorre anualmente desde 2004. Nessas várias edições, uma multiplicidade de povos, provenientes de várias partes do país, se reuniram para discutir as violações dos direitos indígenas e reivindicar o cumprimento das leis por parte do governo federal.



O próximo Acampamento Terra Livre tem como objetivo principal exigir a demarcação de todas as Terras Indígenas, cobrando uma das promessas feitas pelo governo. Sabemos que muitas precisam apenas de uma simples assinatura para serem demarcadas. Também vamos lutar contra o Marco Temporal e reivindicar políticas públicas efetivas e de qualidade para assegurar nossos demais direitos constitucionais, exigir a implementação da educação indígena, muito importante, mas que tem sido muito difícil de ser implementada mesmo dentro das Terras Indígenas. A saúde indígena também é um dos temas principais e a reativação do comitê sobre os efeitos das mudanças climáticas.

No dia 25 fizemos uma plenária LGBT, o que para o movimento indígena é muito importante.

A resistência indígena sob o governo Bolsonaro foi muito difícil, e muitas etnias foram ameaçadas por um novo genocídio, como foi o caso dos Yanomâmis. Fale um pouco sobre isso.

Raquel Tremembé - Bolsonaro implementou no seu governo uma política de morte contra os povos indígenas. Essa política anti-indígena foi implantada justamente para retirar os nossos direitos constitucionais e originários, dentre tantas outras formas de violações e violências contra nós.

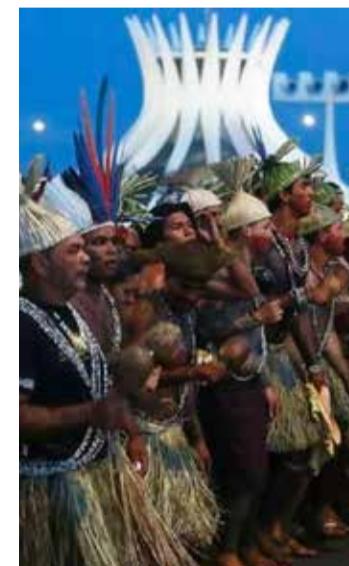
Mas é importante destacar as atuações incisivas e a resistência do movimento indígena em diversas esferas nos últimos anos. Inclusive, a presença de indígenas nas eleições e em diversos eventos internacionais, onde denunciamos a política de Bolsonaro

Como você encara a postura do movimento indígena frente ao governo Lula? Houve cooptação de lideranças? O caminho não seria manter a independência e a aliança com os trabalhadores?

Raquel Tremembé - Penso que antes de esperarmos em dias melhores no que se refere ao atual governo, precisamos lembrar que os governos dirigidos por Lula e Dilma, que governaram o

de para todos e todas. Unificar as lutas nunca foi tão urgente!

Agora tem todas essas promessas que serão demarcadas as terras indígenas em quatro anos... Mas pouco ou quase nada foi feito. Devemos ficar atentos com esse discurso. Não devemos achar que esse governo vai fazer em quatro anos o que não foi feito até agora, e aplicar aquilo que a gente vem lutado nesses mais de 523 anos de luta. Acho que isso é muito arriscado...



Explique a sua luta e do povo Tremembé no Maranhão

Raquel Tremembé - A nossa luta sempre foi árdua! Há pouco mais de uma década nosso povo se deparou com um ex-deputado estadual do Maranhão, chamado Carlos Alberto Franco de Almeida, que chegou até nós alegando ser o “proprietário” do nosso território. Desde então, iniciou-se uma longa e exaustiva jornada de luta e resistência. Em 2009, após tantas reintegrações de posse, precisamente nove, iniciou-se a grande atuação da CSP-Conlutas com o nosso povo. A partir daí, não tivemos mais nenhuma reintegração e conseguimos traçar passos cada vez mais sólidos e esperança cada vez mais presentes. Dessa forma, destaco também o quanto importante é a unificação das lutas.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3HCMZZA](https://bit.ly/3HCMZZA)**

NEGÓCIO DA CHINA

Lula volta da China com mais capitalismo na bagagem

JÚLIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO (SP)

A viagem de Lula à China gerou grande repercussão. O próprio governo tratou de alardear o resultado da visita como uma grande vitória não só da sua política externa, mas também dos seus planos de impulsionar um novo ciclo de crescimento econômico no país.

Vários ativistas veem com simpatia essa movimentação. Haja vista que, no governo anterior, Bolsonaro se moveu com uma pauta de alinhamento automático aos EUA no geral e do trumpismo ou das pautas da ultradireita em particular.

O fato de Bolsonaro ter sido um pária e ter se isolado em nível internacional, principalmente após a derrota de Trump, não pode nos fazer perder de vista que a política externa de Lula é se apoiar em outras alas também burguesas e imperialistas dos países centrais do capitalismo mundial, buscando certa localização para o Brasil, respeitando a lógica exploradora e opressora do funcionamento do sistema mundial de estados hoje.

O COMPLEXO CENÁRIO MUNDIAL

A situação internacional é complexa pela profundidade da crise econômica e social do capitalismo, marcada pela disputa entre os EUA como potência imperialista decadente e a China como potência capitalista ascendente. Existe uma crise no sistema de estados, que se expressa na "guerra comercial EUA x China" e na guerra da Ucrânia. Além disso, ainda há divisões nos setores burgueses imperialistas dos EUA entre a ala da ultradireita trumpista e a ala da direita tradicional de Biden.

Enquanto isso, setores da União Europeia historicamente mais alinhados com os EUA tentam aparecer como um terceiro polo, o que mostra certas fissuras. Por isso, Macron foi à China e disse defender uma autonomia estratégica da



UE em relação aos EUA e China.

ta, o modelo que diz defender se chama "socialismo de mercado", mas na verdade se trata tão simplesmente de um capitalismo com uma ditadura feroz, com muitos bilionários e grandes monopólios capitalistas.

O EQUILIBRISMO DE LULA PERANTE EUA E CHINA

Lula, longe de ter uma postura anti-imperialista, busca na verdade se aproveitar desta realidade de disputa entre as grandes

nações capitalistas para ganhar espaço econômico (com os acordos com a burguesia chinesa e norte-americana) e político (com a defesa reacionária da paz com anexações na Ucrânia). Trafega entre todos os setores burgueses, buscando garantir os interesses dos monopólios capitalistas de qualquer país dispostos a investir no Brasil. Por isso, depois de visitar a China, trata logo de jogar panos quentes na relação com os EUA e dizer que não interessa "abrir mais a carteira".

O Brasil é um país reprimido, em reversão colonial, subordinado a todas as potências capitalistas, mas, antes de mais nada, é dominado pelos EUA. Lula sabe e aceita isso; não à toa voou para os EUA assim que pôde. Lula não quer acabar com a submissão do país aos EUA, e sim se subordinar mais à China também, pressionando ambos a "oferecerem mais".

NADA DE ANTI-IMPERIALISTA

Os objetivos da viagem de Lula à China



interesses das montadoras locais, como Cherry, GWM e BYD, além da Huawei, que tem interesses maiores no 5G brasileiro. Várias declarações de Lula e Xi Jinping foram endereçadas aos EUA. Principalmente quando falaram contra o dólar e anunciaram

o capitalismo mundial. Manter o dólar como moeda referência lhes dá um poder muito grande de controlar e sugar a riqueza mundial. Além, é claro, do controle político de, por exemplo, sancionar economicamente qualquer país do mundo através do acesso ou não à moeda e ao sistema de pagamentos.

A medida declarada na visita ao país asiático é uma vitória do setor burguês liderado pela China contra os EUA. Não tem nada de anti-imperialista no sentido de fortalecer a soberania geral dos povos. Muito menos de anticapitalista. Na verdade se trata da luta da China pela proeminência de sua moeda nacional, o Yuan, e também de fortalecer o seu bloco capitalista.

O QUE NÃO FOI DITO O significado dos investimentos capitalistas chineses no Brasil

Fica claro que a política de crescimento econômico de Lula significa garantir as condições para que as multinacionais chinesas arranquem cada vez mais lucros em território nacional. Usam como desculpa que esses investimentos podem trazer emprego e salários, claro, esta é a forma capitalista de explorar e sugar as riquezas nacionais. O que não se fala é que terá um aprofundamento da exploração, opressão e submissão aos interesses de capitalistas estrangeiros.

Há muito tempo investimentos estrangeiros, sejam dos EUA ou da Europa, são apresentados como salvação para o país. Com China, mudou a nacionalidade e até o continente, mas a natureza capitalista desses investimentos segue idêntica. Esse país hoje já é um dos principais investidores no Brasil. Entre 2007 e 2021 o estoque de investimento chegou a US\$ 70,3 bilhões, colocando o país como quarto destino de capitais chineses no mundo e o maior na América do Sul.

Foi justamente nesse período que cresceu a reprimariação da economia brasileira, a desindustrialização relativa e o rebaixamento do nosso nível de desenvolvimento econômico. Viraram especialistas em exportação de matéria-prima e commodities de baixo valor agregado foi a outra cara da industrialização chinesa, produto da subordinação do Brasil à divisão mundial do trabalho.

“ O que move a China é a necessidade de valorização do seu capital para além de suas fronteiras como forma de manter o patamar de lucratividade do seu capital. ”

DEBATE

Relação Brasil e China: independência ou subordinação?



Das duas uma: ou o capitalismo chinês é benévole e entrega rios de dinheiro e investimentos sem nenhuma contrapartida econômica (de aumento da exploração, dominação e lucros), ou reproduz a mesma lógica do capital quando chega a um nível grande de acúmulo, como em qualquer país capitalista no mundo.

O que move a China é a necessidade de valorização do seu capital para além de suas fronteiras como forma de manter o patamar de lucratividade do seu capital. Os capitalistas investem para obter lucros. Não estão preocupados com os interesses do povo de sua nação, muito menos de outra. Abrir as portas para mais exploração e dominação das maiores economias do mundo, mesmo diversificando a quantidade de países, não é algo que ajude um projeto de desenvolvimento; pelo contrário, é um projeto de sufocamento.

As próprias declarações de Lula explicam a verdadeira natureza dessa relação que, às vezes, é vendida como entre iguais, relação sul-sul, multipolar, anticapitalista ou anti-imperialista.

Ou seja, para Lula não seria uma relação "colonialista", usando a burguesia brasileira como escudo. Como se a burguesia brasileira fosse enfrentar a burguesia chinesa.

Mas o que se desenha é justamente a associação da burguesia brasileira como sócia menor dos grandes monopólios capitalistas chineses, como ocorre há muito tempo em larga escala com a re-

lação desta com os EUA e Europa.

Tal como ocorreu com os demais países ricos, se tiver e o que tiver de industrialização no Brasil através da China será sempre subordinado e dependente. A relação que Lula tenta estabelecer com a China, em nome de uma suposta reindustrialização do país, mesmo podendo ocorrer algum tipo de investimento industrial, não será em tecnologia de ponta, mas pontual e no marco dos interesses dos capitais, empréstimos e das multinacionais chinesas.

Se ainda tivermos dúvidas, devemos olhar para o papel das multinacionais chinesas na África e no Sul da Ásia. No Djibuti, a China já instalou inclusive uma base militar. No Sri Lanka completamente endividado, tomou o controle do porto do país como forma de pagamento.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/425EHRF](https://bit.ly/425EHRF)



SAÍDA DOS TRABALHADORES

Lutar contra a dominação dos diferentes blocos capitalistas

Eis que vivemos a curiosa situação onde parte dos setores dominantes da esquerda brasileira acusa o PSTU de estar junto com o imperialismo na guerra da Ucrânia.

Quando na verdade estamos apoiando a resistência do povo ucraniano, que teve seu país invadido por Putin. Essa mesma esquerda comemora o encontro de Lula com Biden, porque este seria da ala imperialista supostamente "democrática" contra Trump e Bolsonaro. Mas quando denunciamos o papel nefasto dos acordos de Lula com a China, acusam-nos de fazer o papel do imperialismo

fazem greve, os dos EUA estão em pé de guerra há algum tempo, e os da China podem despertar. Como sempre, o destino das nações será selado pela luta de classes.

Sob o capitalismo não há como todos os países serem como EUA, UE ou China; na verdade, só existem esses países ricos em base à

dominação e à exploração de todo o mundo que exercem. Para o Brasil se desenvolver de fato, dar um salto, é preciso enfrentar a dominação das nações ricas e de seus monopólios. Esse é o caminho para garantir que os trabalhadores tenham mais emprego, melhores salários e a vida do povo melhore.

China supostamente não intervém assuntos internos dos países.

Esquecem que, de certa perspectiva, toda economia dominada complementa a economia dominadora, de outro modo, se quer seria dominada. Mas isso não retira o caráter de dominação. A China não intervém hoje nos assuntos internos dos países que domina é relativo ao peso da sua dominação. Também houve um período de consolidação do poderio EUA que estes interferiram pouco nos assuntos internos, lá antes das guerras mundiais (não que a China necessariamente seja os próximos EUA, mas apenas para mostrar a insustentabilidade do argumento).

Se ainda tivermos dúvidas, devemos olhar para o papel das multinacionais chinesas na África e no Sul da Ásia. No Djibuti, a China já instalou inclusive uma base militar. No Sri Lanka completamente endividado, tomou o controle do porto do país como forma de pagamento.

DEBATE

Xi Jinping no centro das negociações da guerra

 RICARDO AYALA,
DE SÃO PAULO (SP)

As negociações secretas realizadas no encontro de Xi Jinping com Putin em Moscou colocaram o “plano de paz” chinês no centro das atenções da guerra na Ucrânia. Isso num momento de fortalecimento da política externa chinesa, pelo apadrinhamento do acordo que reata as relações diplomáticas entre Arábia Saudita e Irã.

Agora, Xi está no centro das negociações da guerra, mas não tem outro objetivo que preservar o regime de Putin e seus interesses na Ásia, tal qual os EUA e a UE. A ambos pouco importa a soberania ucraniana.

Um verdadeiro desfile de primeiros-ministros e chefes de Estado ocorre em Pequim, após o encontro de Xi com Putin. Para além dos acordos comerciais e investimentos, as reuniões mantiveram o padrão da diplomacia secreta que circundou o encontro Xi-Putin no Kremlin. Mas o prato principal foi como acabar com a guerra, preservando os interesses estratégicos das potências envolvidas no con-

flito, ao mesmo tempo que todos estão de acordo em impedir uma vitória da resistência ucraniana. O decreto de Zelensky que desarma a população ucraniana é uma das expressões.

A imprensa burguesa, os governos e os sindicatos amarelos com suas campanhas pela “paz” colocam a discussão sobre o fim do conflito nos seguintes termos: quem defende a soberania ucraniana? De nossa parte, insistimos que a nenhuma das potências envolvidas no conflito, os europeus ou Biden e Xi, interessa a soberania ucraniana, muito menos ante a possibilidade de esta seja conquistada por uma vitória militar das massas que heroicamente resistem, apesar de Zelensky.

A pressa dos governos europeus e de Biden

Passado mais de um ano de guerra, agora com a crise no sistema bancário norte-americano e europeu, nunca foi tão correto dizer que “tempo é dinheiro”. Acrescenta-se a isso que os governos europeus estão acossados por greves e a rebelião das massas francesas contra a reforma da Previdência de



Macron, e os monopólios petroleiros continuam subindo artificialmente o preço da energia, mantendo a pressão inflacionária na Europa. Nos Estados Unidos, a declaração da nova estrela republicana, De Santis, de que “os EUA não têm interesse estratégico na Ucrânia”, joga lenha na fogueira da disputa interna com o Partido Democrata.

Após utilizar a invasão russa à Ucrânia para avançar em seus objetivos, conseguindo vitórias parciais

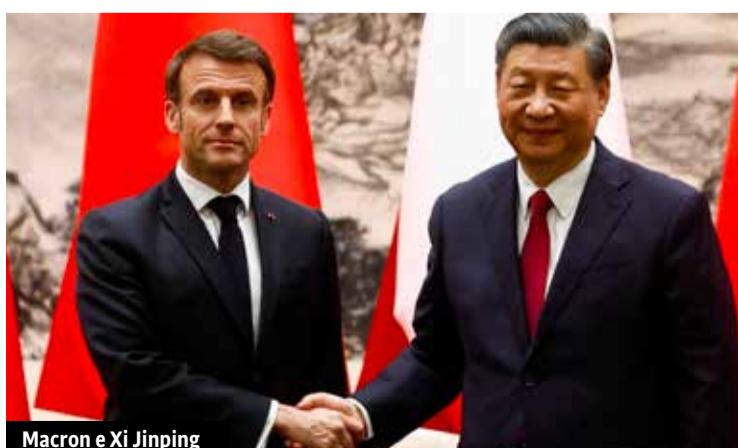
importantes, urge para Biden uma “pax americana”, antes que as contradições geradas por tais louros produzam o efeito inverso: entre essas vitórias políticas parciais está a explosão do pacto germano-russo energético cujo óleo/gás azeitava a máquina exportadora alemã.

Mas não apenas a incorporação da Finlândia à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) é o recibo do fracasso estratégico de Putin ao reativar o

papel norte-americano de gendarme europeu, também demonstra a falsidade de seu argumento para ocupar Ucrânia. A nova Otan poderá agir fora do espaço europeu, algo que buscava Bush, o pai, na primeira ocupação do Iraque em 1990 e também o filho em 2003, sem resultado. Em sua nova versão, a Otan tem como observadores os países “aliados” do Pacífico, quer dizer, Biden utiliza a guerra na Europa para fortalecer sua estratégia no Pacífico.

XADREZ

A guerra de agressão russa e a corrida pelas alianças



Macron e Xi Jinping

A guerra de Putin para manter-se no centro de Eurásia, e a política de Biden e dos europeus para isolá-lo, ficou absorvida não sómente pelo incremento das relações comerciais com a China – cujas exportações à Rússia saltam de cerca de US\$ 45 bilhões em 2019 para quase US\$ 80 bilhões em 2022 – e a Índia, mas, fundamentalmente, por-

que os países semicoloniais não engoliram o “altruismo” norte-americano, tampouco dos ex-impérios coloniais europeus, de que estariam lutando em defesa da “soberania e dos direitos humanos”.

Essa é a conclusão do insuspeito The Economist, em sua edição de 25 de março, ao referir-se à invasão do Iraque em 2003.

O cenário explica que o problema não foi a ruptura das regras internacionais, mas...

O problema foi como isso foi feito — a maneira como os EUA e o Reino Unido ignoraram a lei internacional — e a violência que tomou conta do Iraque depois que o governo Bush fracassou em preencher o vácuo de poder criado pela



mudança de regime. Os últimos 20 anos desde a invasão, somados à ditadura de Saddam, totalizam quase meio século de tortu-

ra para o povo iraquiano, além de centenas de milhares de mortos.

Em outras palavras, as leis internacionais não

tocam nos interesses das potências. Se em 1990 diziam atuar para defender o Kuwait, em 2003, após bombardearem o mundo

com a propaganda das “armas de destruição em massa”, não encontradas, e destruir todo um país, os restos do regime de Saddam e a decomposição social originaram nada menos que o Estado Islâmico, não se pode dizer menos do que a barbárie... a mesma que a Rússia está impondo à Ucrânia. E conclui o semanário definindo o eixo da propaganda imperialista:

“Para muitos, a invasão do Iraque em 2003 expôs o duplo padrão do Ocidente em relação ao direito internacional e aos direitos humanos, um ponto que a mídia estatal da China está ocupada em insistir... O objetivo de longo prazo é refutar a acusação de que as regras globais servem apenas aos interesses ocidentais e expor o ponto de

vista pobre do mundo que a China e a Rússia estão promovendo.”

Ocorre que este “ponto de vista pobre” pode significar para as classes dominantes dos países semi-coloniais negócios, já que a região asiática está na mira chinesa com a Iniciativa do Cinturão e Rota (Belt and Road Initiative – BRI). Enquanto isso, Zelensky, para além dos mísseis de Putin, está às voltas com uma dura investida do Fundo Monetário Internacional (FMI).

A submissão ucraniana, seja ao capital financeiro ocidental ou às armas russas, implicará mais sofrimento para o seu povo. A única força que pode e tem interesse em lutar pela soberania da Ucrânia são os seus trabalhadores.

ÁSIA EM JOGO

China: navegando entre duas águas

A intensidade das negociações secretas destes dias não tem como distanciar-se muito da relação de forças sobre o terreno militar, diante do recuo das tropas russas, e a anunciada ofensiva de primavera de Putin: todos os caminhos das potências europeias levam a Pequim. Como afirma a Reuters, “segundo fontes diplomáticas, Macron pediu expressamente a Xi que a China não forneça armas à Rússia”. A resposta do presidente chinês de que a guerra da Ucrânia não era “sua guerra” talvez indique a resposta.

Xi tenta deter a escalada de Putin, mas, ao mesmo tempo, tem que lutar para preservar o governo Putin, uma potência nuclear e um aliado para o controle da Ásia e na resistência às investidas dos EUA. Não por uma fidelidade canina, mas porque uma possível queda do regime russo, e a incerteza de quem o substituiria, questiona os objetivos chineses na Ásia. O aumento da dependência econômica russa em relação à China, principal comprador do petróleo e gás russo, antes destinado à Alemanha, inclina a balança da relação a favor de Xi. A força política dessa dependência será testada nestes

dias, sob a fórmula da saída política defendida por Xi.

A manutenção do regime de Putin é vital para a expansão chinesa que, de eixo econômico asiático, vai se convertendo no eixo político da Eurásia. Depois do acordo Teerã-Riad, que abre as portas para a volta do Irã ao mercado mundial de petróleo, rompendo as sanções norte-americanas, ato seguido o gabinete saudita aprova a entrada do país na condição de observador na Organização de Cooperação de Xangai (OCX), aliança militar liderada pela China, além da Rússia, Índia, Paquistão, Irã e mais quatro estados da Ásia Central. Em outras palavras: o controle do petróleo.

Mas a fórmula de Xi baseada em uma solução “política” passa por reconhecer que também a soberania russa foi violada pela expansão da Otan no espaço historicamente conquistado pelo czarismo. Conclui que a solução política passa pelo “respeito às preocupações de segurança de todos os países na solução da crise”. Isto é, o reconhecimento explícito de que cabe a Putin a forma e o controle dos estados do antigo império dos czares.



Mas a essa altura da guerra, com o retrocesso das tropas russas, nenhum governo europeu pode apoiar explicitamente a repartição da Ucrânia, e ainda tendo Xi como pacificador. Mas os estados europeus estão dispostos a usar as relações comerciais como principal arma para que Xi utilize a dependência russa e force um “acordo”.

As negociações secretas realizadas em Moscou e Pequim colocam para Xi a difícil tarefa de encontrar um ponto na fronteira para um possível acordo, que preserve a localização de Putin na Eurásia, ante o avanço, de um

lado, das potências ocidentais, e da China, do lado oposto. O que está em jogo é, na verdade, a partilha da Ásia.

A ameaça de utilizar armas nucleares, a partir do território da Belarus, em resposta à entrada da Finlândia na Otan, somente alguns dias depois da visita de Xi, escala um degrau a mais no confrontamento. Mas a questão atual se mantém no papel da resistência ucraniana, ao condicionar os limites, ou até mesmo a continuidade, do regime de Putin. Estamos presenciando uma frenética tentativa de acordo antes do início da primavera.

Em pouco tempo, saberemos em que nível Xi se comprometeu com a ofensiva da primavera russa. Mas, antes de qualquer coisa, reafirmamos que ambos os bandos necessitam derrotar e enfraquecer a resistência para garantir seus interesses, porque as guerras não eliminam a luta entre as classes, ao contrário as recrudescem. Neste momento, cercar a resistência de todo apoio continua sendo a principal tarefa do proletariado mundial, em particular o europeu.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3V89GCQ](https://bit.ly/3V89GCQ)**

8 DE JANEIRO

Crise no GSI: a relação de capitulação do governo Lula à cúpula militar

MARIUCHA FONTANA,
DA REDAÇÃO

Ovídeo vazado mostrando o chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) sob o governo Lula, general Gonçalves Dias, andando calmamente entre golpistas no Palácio do Planalto no dia 8 de janeiro, e até oficiais se confraternizando com os bolsonaristas, serve, neste momento, ao propósito de manipulação de informações por parte do bolsonarismo.

O vídeo força também a abertura da CPMI do golpe, que o PT até ontem tentou abafar. Bolsonaro e o bolsonarismo, depois de tudo, conseguem pautar a mídia e o Congresso Nacional

com uma mentira, montando uma “verdade paralela”, apoian- do-se na completa capitulação e subserviência do governo Lula com a cúpula militar e golpistas.

O ministro general “amigo”, que substituiu o bolsonarista general Heleno disse que estava “gerenciando a crise”. Ricardo Capelli, interino nomeado para chefiar o GSI, acha que o general foi apenas “ingênuo”. O Senador Humberto Costa do PT também acha que Gonçalves Dias é de confiança, mas cometeu um erro de avaliação política.

Mas, como é que se pode nomear, na melhor das hipóteses, um ingênuo ou incompetente para o lugar do General Heleno, num órgão coalhado



de bolsonaristas, com mais de 800 militares?

Por que, enquanto a base exige “sem anistia para golpista”

, o governo Lula blinda os militares e limita as investigações? Por que não aproveitou o momento para mobilizar a classe

trabalhadora e a população e, no mínimo, impor um processo de investigação, punição e prisão para família Bolsonaro, militares golpistas (especialmente da alta cúpula) e financiadores? Por que o governo Lula, assim como o PT e PSOL, desmobiliza a classe trabalhadora e deixam nas mãos do STF e das instituições desse Estado capitalista a questão dos setores golpistas?

NÃO É INGENUIDADE

Expressão de um governo de colaboração de classes

Esse é um mero “erro” ou “ingenuidade” do governo Lula-Alckmin? Na nossa opinião, não. Essa é a mesmíssima política que norteou a escolha do ministro da Defesa, José Múcio, que, igualzinho a cúpula das Forças Armadas, defendeu e protegeu os golpistas acampados na frente do Exército.

Essa política do governo Lula é expressão da natureza burguesa de governos de colaboração de classes, de frente dos trabalhadores com a burguesia, como o atual governo. É típico da natureza de governos desse tipo a desmobilização da classe trabalhadora por um lado, e a defesa do Estado burguês, e especialmente da sua

coluna vertebral: a hierarquia reacionária das Forças Armadas. Um exemplo muito ilustrativo disso que falamos ocorreu no Chile. Sempre é bom lembrar que Pinochet, por exemplo, era ministro de Allende.

No Brasil, há ainda um agravante. Aqui nunca se enfrentou a tradição historicamente golpista das Forças Armadas. No final da ditadura, golpistas e torturadores não só não foram punidos, como se manteve um entulho autoritário na Constituição. Os governos do PT, inclusive, vergonhosamente adotaram as Garantias de Lei e Ordem (GLO), para intervenção e repressão interna.

CONFIAR NAS SUAS PRÓPRIAS FORÇAS



Independência de classe para enfrentar o golpismo

Sabemos que há ilusões e expectativas no governo Lula, e de que seu governo seja capaz de enfrentar e derrotar a extrema direita e seu projeto autoritário.

Mas, continuamos alertando que a derrota definitiva da extrema direita exige mudar as bases sociais que permitiram seu surgimento e seu fortalecimento. Quer dizer, exige enfrentar os capitalistas bilionários que controlam a economia do país, sejam dos EUA, da Europa, da China ou dos capitalistas brasileiros que vendem o país e se associam à pilhagem.

E o governo Lula não tem esse projeto. Ao contrário, se propõe a governar com e para a burguesia, nos limites da ordem vigente, da

democracia dos ricos, do sistema capitalista e de forma subalterna às multinacionais e bancos. Por isso, não consegue ser consequente sequer com a defesa de medidas democráticas mínimas.

A classe trabalhadora deve confiar nas suas próprias forças, na sua mobilização, e exigir efetivamente nenhuma anistia a golpista. Isto significa investigação e prisão dos generais do alto comando das Forças Armadas que colaboraram com a tentativa golpista, bem como punição exemplar e prisão de Bolsonaro e família. Assim como a democratização das Forças Armadas e a desmilitarização das polícias, além da revogação do Artigo 142.

E devemos debater e organi-

zar a autodefesa nas organizações operárias e populares: sindicatos, movimentos populares, indígenas, camponeses, estudantis, negro e negras, mulheres, LGBTIs etc. A classe trabalhadora e a juventude não devem confiar no governo Lula, nem no STF ou nessa democracia dos ricos para derrotar a extrema direita, e sim na sua mobilização e organização.

E nessa luta, para mudar efetivamente o país e as condições sociais que dão base para a existência e fortalecimento da extrema direita, é necessário defender um projeto socialista e enfrentar o projeto econômico e político do governo Lula.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3ATZUNE](https://bit.ly/3ATZUNE)

AMEAÇAS

Escolas se mobilizam e se organizam contra a violência pelo país

 DEYVIS BARROS,
DE SÃO PAULO (SP)

Em oposição a isso, as comunidades em várias escolas pelo país se organizaram para se defender. O **Opinião Socialista** mostra iniciativas no sentido de defender as escolas realizadas pelo país.

ZONA NORTE DE SP: ESCOLA REALIZA ASSEMBLEIA E MANIFESTAÇÃO

Em São Paulo, na zona norte da capital, uma escola realizou assembleia, discutiu as ameaças que vinham sofrendo e tirou medidas para combatê-las. Estiveram presentes mães, pais e alunos, além de professores e funcionários.

De acordo a professora Flavia Bischain, a assembleia teve como objetivo enfrentar o medo com consciência política e organização: “*Discutimos sobre o que estava na raiz desse problema, apontando o papel de discursos*



e práticas opressivas contra mulheres, negros, LGBTIs e como a organização de grupos neonazistas influenciam nos ataques. Várias mães se posicionaram contra a presença de policiais na escola. Depois discutimos medidas concretas para nos organizar e resistir contra essa onda de violência”.

Entre as medidas tomadas na assembleia está a formação de um comitê contra a violência na escola, para que a comunidade se mantenha organizada. Ao invés de ceder ao medo, a comunidade escolar decidiu realizar uma manifestação de rua, que ocorreu no último dia 19, como resposta às ameaças de ataques que estavam sendo convocadas para o dia 20.

PLENÁRIA VIRTUAL NA ZONA SUL DE SP

Também na capital paulista, a comunidade de uma escola municipal na Zona Sul realizou uma plenária virtual no dia 20

para discutir a onda de violência e os ataques contra escolas.

A plenária foi realizada no horário de almoço e, segundo o professor Lucas Simabukulo, muitas mães e pais de alunos pegaram seu intervalo para participar do debate. “*Passamos orientações sobre como lidar em casos de violência e decidimos nos manter a postos para reagir a qualquer ameaça. Parte da discussão que fizemos foi sobre a necessidade de apoiar a luta do dia 26 de abril, em defesa da educação e contra o Novo Ensino Médio. Parte do combate à violência nas escolas passa por defender outro projeto de educação, que não seja voltado para responder ao mercado*”, afirmou.

ESCOLA DO RECIFE REALIZA PROTESTO

A comunidade de uma escola na periferia de Recife, capital de Pernambuco, que foi alvo de ameaça de ataque, se organizou e realizou uma manifestação para reagir contra a violência.

De acordo com a professora Claudia Ribeiro, a comunidade não quis esperar calada: “*Decidimos reagir. Chamamos os sindicatos da categoria, mas a prioridade foi a organização da própria comunidade, com mães, pais professores e estudantes. Saímos às ruas chamando as pessoas que moram no entorno a participarem da luta em defesa da nossa escola*”.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS ORGANIZA REUNIÃO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

Ativistas do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região, procurado por pais e mães que queriam fazer alguma coisa para se defender contra as ameaças, organizou uma reunião para discutir medidas.

Segundo Gabrielly Andrade, o Gabi, do PSTU, que esteve na reunião, “*a indignação dos pais começou porque as escolas orientaram apenas que olhassem as mochilas dos filhos. Um completo despreparo. O sindicato abriu as portas para reunirmos e discutir o que fazer. Os pais e mães já tentaram ter iniciativas para se organizar e a direção da escola não permitiu. Então decidimos chamar outra reunião agora com estudantes e professores, além de mães e pais, para nos organizar desde baixo*”.



ENTENDA

Medidas do governo federal são insuficientes

O governo Lula (PT) anunciou que liberaria R\$ 3 bilhões para o combate à violência nas escolas. Mas quase todo esse dinheiro era referente a valores já previstos no orçamento. Os recursos novos são insuficientes e em sua maior parte destinados ao policiamento pela ronda escolar.

Se desejasse combater a violência, além de investimento sério em educação, o governo precisaria no mínimo revo-

gar o Novo Ensino Médio que, para atender os interesses da burguesia, impõe um modelo de educação sucateado para os filhos dos trabalhadores. Também seria necessário anular a Reforma Trabalhista que precariza condições de trabalho e nega o direito a condições dignas de vida aos jovens.

Os exemplos descritos acima são apenas algumas das muitas iniciativas que as comunidades escolares tive-

ram no país inteiro. Diante dessa situação de ameaças é importante estar organizados para exigir dos governos medidas contra o sucateamento da educação e por direitos à juventude.

Ao mesmo tempo é preciso estarmos organizados para nos defender. O exemplo das escolas que montaram comitês para sua autodefesa é muito importante e pode ser seguido onde existirem ameaças.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3LYBAFB](https://bit.ly/3LYBAFB)

POLÊMICA

Lula se rende à agressão russa na Ucrânia



FÁBIO BOSCO,
DE SÃO PAULO (SP)

A invasão da Ucrânia pelas tropas russas completou 14 meses. Neste período, a posição brasileira, seja sob o ex-presidente Bolsonaro, seja sob Lula, sempre foi contrária à Ucrânia.

Recentemente essa posição lamentável gerou uma polêmica a partir de declarações do presidente Lula de que Putin e Zelensky querem a guerra, que os Estados Unidos e a Europa prolongam a guerra ao prover armas à Ucrânia, mas o que é necessário é falar em paz. E até mesmo sugeriu que a Ucrânia entregue parte do seu território - a península da Crimeia - para a Rússia, em nome da "paz".

Além de declarações, Lula e o chanceler Mauro Vieira receberam o chanceler russo Sergei

Lavrov em Brasília no dia 17 de abril. Lavrov é o porta-voz do regime russo, que é responsável por uma série de crimes contra a humanidade na Chechênia, Síria, Geórgia e Ucrânia. Essa visita foi antecedida por uma visita do assessor especial brasileiro Celso Amorim a Putin em Moscou.

Nesta semana, Lula visitou Portugal e Espanha. Após uma saraivada de críticas, ele afirmou que o Brasil defende a integridade territorial da Ucrânia e que é necessário abrir negociações de paz. Essa foi uma mudança de forma, mas não de conteúdo, já que não defendeu a retirada incondicional das tropas russas de todo o território ucraniano, único caminho para uma paz justa, nem o direito do povo ucraniano receber armas para se defender dos invasores.

■ Avanço ou operações russas
■ Áreas recuperadas em contraofensiva ucraniana



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/421UBWK](https://bit.ly/421UBWK)

SAIBA MAIS

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE A GUERRA NA UCRÂNIA

Não foi só Lula que se rendeu à agressão russa contra a Ucrânia. Calúnias e mentiras para tentar justificar a invasão são repetidas, disfarçadas ou não, por uma parte da esquerda ligada ao stalinismo, como a maioria dos partidos comunistas e setores ligados às ditaduras da Venezuela e de Cuba. A maioria defende que Putin tem uma política supostamente anti-imperialista de enfrentamento com os EUA e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Mas tudo isso não passa de mentiras para confundir parte dos ativistas de esquerda sobre o real caráter da guerra. Vejamos algumas questões sobre a guerra.



PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE A GUERRA NA UCRÂNIA**QUE GUERRA É ESSA?**

Para o regime russo, a Ucrânia é uma invenção dos bolcheviques comandados por Vladimir Lênin após a revolução russa, como afirmou Putin. O ditador russo invadiu a Ucrânia para tomar seu território e impor seus aliados no comando do país. Para justificar a invasão perante seus apoiadores, Putin alegou que a Ucrânia tem um suposto regime nazista a serviço da Otan.

Para o povo ucraniano, essa guerra contra a invasão russa é uma guerra de liberação nacional para defender suas famílias, seus lares, seus empregos e seu país. Não é uma “proxy war” (guerra por procuração). O povo ucraniano luta pelo seu direito de existir e não é tropa terrestre da Otan.

PUTIN LUTA CONTRA A OTAN?

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) é uma aliança militar imperialista formada ao final da Segunda Guerra Mundial sob hegemonia americana para defender a ordem mundial capitalista. No entanto, as contradições entre o imperialismo americano e o europeu - particularmente Alemanha e França - fragilizaram a Otan. Em dezembro de 2019, o presidente francês Emmanuel Macron chegou a declarar que a Otan estava em estado de morte cerebral.

Quem a ressuscitou foi Putin e a invasão da Ucrânia. Por um lado, os países membros aumentaram seu orçamento militar, e países não membros - como a Suécia e a Finlândia - pediram ingresso na Otan, medida que neste momento tem apoio majoritário na população europeia. Putin alardeia sua “oposição” à Otan para justificar a invasão da Ucrânia. No entanto, o verdadeiro caminho para derrotar a Otan passa pela mobilização nos países membros. Invadir a Ucrânia apenas fortalece a Otan. A guerra de Putin tem como objetivo tomar territórios ucranianos e impor um governo aliado em Kiev. Não é o objetivo de Putin acabar com a Otan, nem de entrar em guerra contra ela.

A RÚSSIA TEM MAIS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS QUE A UCRÂNIA?

A Rússia tem um regime ditatorial baseado na FSB (o serviço secreto russo, herdeiro da KGB) a serviço da oligarquia, nome dado aos bilionários russos que enriqueceram se apropriando dos bens públicos e riquezas do país após o fim da União Soviética. Não há liberdades democráticas na Rússia. Após o início da guerra, qualquer crítica pode ser punida com prisão. Vários dissidentes foram mortos por envenenamento ou por quedas suspeitas de edifícios.

A Ucrânia tem um regime democrático burguês a serviço da oligarquia local, muito parecido com o regime político no Brasil. Zelensky é um político de direita, tal qual o vice-presidente Geraldo Alckmin.

Após o início da invasão, a Ucrânia está sob lei marcial. Por isso, os partidos políticos que apoiam a invasão foram banidos. No entanto, os bens da oligarquia russa no país ainda não foram expropriados, apesar da insatisfação da população.

A UCRÂNIA É NAZISTA?

Não! O povo ucraniano odeia o nazismo. Os nazistas ocuparam a Ucrânia e promoveram atrocidades contra o povo durante a Segunda Guerra Mundial. Por isso, os grupos neonazistas são muito minoritários e os grupos ultranacionais de direita tiveram 2% dos votos nas últimas eleições e não têm assento no parlamento. Putin cita o batalhão Azov como organização nazista. Este batalhão nasceu como uma milícia formada majoritariamente por integrantes de extrema direita russófonos, e posteriormente passou a integrar o exército nacional com cerca de mil integrantes. O batalhão foi virtualmente dizimado durante o criminoso sítio militar russo à cidade de Mariupol, cujo objetivo não era acabar com o Azov, mas sim tomar essa importante cidade portuária.

Apenas a esquerda stalinista, no afã de defender Putin e a indefensável invasão da Ucrânia, insiste em difundir essa bobagem do caráter nazista da Ucrânia.

APOIAR A RÚSSIA SIGNIFICA QUE O BRASIL SOB LULA TEM UMA POLÍTICA EXTERNA INDEPENDENTE?

Não. Apoiar a Rússia significa flertar com um dos blocos que disputam espaço na ordem mundial, liderado pelo regime chinês.

Recentemente foram descobertos três espiões russos com documentos brasileiros. O governo brasileiro recebeu o chanceler Lavrov, mas não cobrou uma posição do governo russo. Alguém acha que isso é política externa independente?

O IMPERIALISMO AMERICANO E EUROPEU QUER DERRUBAR PUTIN E ACABAR COM A RÚSSIA?

O imperialismo americano e europeu sempre cooperou com Putin para manter a ordem mundial capitalista. Por isso fechou os olhos para as atrocidades de Putin na Chechênia, na Síria, na Geórgia e no leste da Ucrânia em 2014, quando as tropas russas tomaram a Crimeia e grupos paramilitares armados por Moscou tomaram um terço do Donbas ucraniano. Quando a Rússia invadiu a Ucrânia há 14 meses, a posição de Biden foi retirar Zelensky de Kiev, abrindo o caminho para que as tropas russas tomassem o país. Além disso, Biden e seus sócios europeus se recusaram a dar armas “ofensivas”, limitando-se a entregar armas de segunda mão em pouca quantidade. Estudos apontam que de toda a ajuda militar anunciada por Biden, apenas 20% chegaram efetivamente à Ucrânia e 60% foram destinados a modernizar seu próprio exército. É claro que esses 20% de armas que chegaram são importantes para a resistência ucraniana, mas são uma demonstração que os imperialismos americano e europeu querem apenas conter, mas não derrotar Putin. Nos últimos dias, multiplicaram-se as críticas de soldados ucranianos na internet contra a falta de munição para combater o exército russo. Houve protestos de familiares em frente a prédios do poder público. Hoje os soldados exigem armas para seguir a luta contra a invasão. Mas a falta de munição mostra a disposição dos imperialismos americano e europeu de “cansar” a resistência ucraniana para preparar o terreno para um acordo de paz com perda de território.

POR QUE O PSTU APOIA A RESISTÊNCIA UCRÂNIA À INVASÃO RUSSA?

A luta da classe trabalhadora mundial por sua emancipação passa pela vitória da resistência ucraniana e pela expulsão das tropas russas.

Uma vitória ucraniana colocará em movimento dezenas de nacionalidades oprimidas dentro da Rússia e em seu entorno na luta por sua autodeterminação, e também movimentará a classe trabalhadora russa na luta para derrubar a ditadura, com impacto mundial. Uma vitória ucraniana também colocará um debate sobre o futuro do país e sua recolonização pelo capitalismo europeu e americano. Uma classe trabalhadora armada e vitoriosa estará em condições de questionar todas as formas de exploração e opressão, e lutar por um governo dos trabalhadores e trabalhadoras.

Uma derrota ucraniana, ao contrário, fortalecerá a ditadura na Rússia, sua política de “cárcere dos povos” na região e a ordem mundial capitalista.

1º DE MAIO

Organizar atos internacionalistas, classistas e independentes dos governos e patrões

 DA REDAÇÃO

Primeiro de Maio é uma data histórica. É dia internacional de luta dos trabalhadores e trabalhadoras contra a exploração e a opressão. Por isso, é um dia de organizar atos, mobilizações e protestos em todo o mundo, com independência da classe trabalhadora frente aos patrões e aos governos.

Mais uma vez, as centrais sindicais do Brasil – com exceção da CSP-Conlutas – estão organizando atos públicos, a exemplo de São Paulo, com a presença de patrões e governos, incluindo o presidente Lula e até o bolsonarista governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos). CUT, CTB, Força Sindical e demais centrais promovem Conciliação de classe.

“Diante desse cenário, a CSP-Conlutas decidiu construir atos classistas, de luta e independentes, aglutinando os lutadores e reivindicando a tradição do 1º de Maio. Pois é necessário manter a independência de classe e apostar no caminho das lutas para intervir nessa conjuntura e defender os interesses da classe trabalhadora, frente ao governo Lula-Alckmin e também para garantir punição aos golpistas e combater o bolsonarismo e a ultradireita”, afirma o integrante da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas e militante do PSTU, Luiz Carlos Prates, o Mancha.

PAUTAS DOS TRABALHADORES

Por todo o mundo, atos e protestos serão realizados para defender as pautas da classe trabalhadora. No Brasil, as grandes centrais sindicais têm como



POR SALÁRIO, EMPREGO E DIREITOS * REVOGAÇÃO DAS REFORMAS TRABALHISTA, DA PREVIDÊNCIA E DO ENSINO MÉDIO * CONTRA AS PRIVATIZAÇÕES * PUNIÇÃO AOS GOLPISTAS

política atos unitários com governos e patrões, jogando fora a tradição de luta do 1º de Maio, comprometendo a independência dos trabalhadores em relação a seus inimigos, em nome de uma “união nacional”. É em nome dessa política que o gover-

no Lula aplica, submissa aos interesses da burguesia capitalista, com medidas limitadas e até contra os interesses da classe.

Por isso, nossa tarefa, junto com a CSP-Conlutas, é ir às ruas lutar pelas pautas da classe trabalhadora – do campo e da cida-

de. Defender salário e emprego; repudiar a tentativa de golpe de 8 de janeiro e exigir a punição aos golpistas e financiadores; cobrar de Lula a revogação das reformas trabalhista, previdenciária e do ensino médio; e exigir o fim das privatizações.

SÃO PAULO

Todos ao ato classista e internacionalista na Praça da Sé



O ato que será realizado na Praça da Sé, no coração da capital paulista, ganha uma enorme importância, tornando-se um contraponto ao ato das grandes centrais no Anhangabaú, que contará com a presença de Lula e do governador bolsonarista Tarcísio de Freitas.

O ato, que acontecerá às 9h, está sendo organizado por diversas entidades, que reivindacam um 1º de Maio classista, internacionalista e independente de governos e patrões, como a Pastoral Operária, CSP-Conlutas, Luta Popular, sindicatos dos Trabalhadores do Judiciário Federal no Estado de São Paulo (Sintra-

jud), dos Servidores Municipais de São Paulo (Sindsep-SP), dos Metalúrgicos e Químicos do Vale do Paraíba e outros.

“Importantes setores do movimento operário no Brasil e no mundo tentam apagar o passado e a tradição do 1º de Maio, um dia historicamente marcado pelas lutas dos trabalhadores de todo mundo e símbolo do internacionalismo proletário. Com uma política conciliatória, buscam colocar no mesmo palanque trabalhadores e seus algozes. Isso é inadmissível”, diz Vera Lúcia, ex-candidata à Presidência da República pelo PSTU.

“O PSTU vai ao ato da Praça da Sé porque o 1º de Maio é um dia de luta dos trabalhadores, e não de conciliação e união com os patrões e suas organizações. Não podemos vacilar, como fazem algumas organizações que defendem ir aos dois atos (Sé e Anhangabaú). São dois atos diferentes, com caráter e objetivos opostos. O ato da Sé é uma alternativa para manter acesa a chama da independência dos trabalhadores”, acrescenta ela.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/40FQBHN](https://bit.ly/40FQBHN)**

“ Mais uma vez, as centrais sindicais do Brasil – com exceção da CSP-Conlutas – estão organizando atos públicos, a exemplo de São Paulo, com a presença de patrões e governos, incluindo o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos). ”

HISTÓRIA



A origem do 1º de maio

Em 1º de maio de 1886, a organização sindical Cavalheiros do Trabalho de Chicago, nos Estados Unidos, convocou uma manifestação, que reuniu 80 mil trabalhadores. Eles reivindicavam a jornada de trabalho de oito horas. As manifestações continuaram pela cidade e se estenderam por todo o país. Temendo o início de uma revolução, os patrões reprimiram violentamente os trabalhadores.

A morte de um policial foi usada como desculpa para prender os principais líderes do movimento e submetê-los a um julgamento farsante, cujo resultado foi a execução de vários líderes operários. Eles ficaram conhecidos na his-

tória como Mártires de Chicago.

Em 1889, o primeiro Congresso da Segunda Internacional Socialista resolveu que o dia 1º de maio seria uma jornada internacional pelas oito horas de trabalho. Desde então, na maioria dos países do mundo, a data é um dia de luta da classe operária e de unidade internacional dos trabalhadores.

Contudo, os patrões (capitalistas) tentam desvirtuar este dia como “dia do trabalho” ou de união entre capital e trabalho. Isso não podemos aceitar, a tradição histórica precisa ser mantida. O 1º de Maio é dia de luta contra o capitalismo, os patrões e os governos!